

SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS



"FICAR COM"

O COMPORTAMENTO AMOROSO DO JOVEM



EDUCAÇÃO

Panorama do Brasil, China e Tailândia

Página 6

COOPERAÇÃO

Novas formas de ajuda internacional

Página 10

ÁFRICA DO SUL

A mulher no novo país

Página 11

Amar como se não houvesse amanhã

Patrícia Costa

Para você, o que é namorar? A resposta clássica seria ficar junto de alguém de quem se gosta muito, em quem se confia, por um tempo indeterminado, um tempo infinito enquanto durar o amor ou a paixão que une as duas pessoas.

Só que não é bem assim que acontece hoje, pelo menos entre a juventude brasileira. A partir do início da década de 80, o jovem começou a desenvolver um código particular de relacionamento que se tornou conhecido como "ficar com".

Tal código foi tão difundido entre as camadas médias dos grandes centros urbanos do país e hoje é tratado pela mídia de maneira tão "natural", que acabou virando tema da tese de mestrado da psicóloga Jacqueline Chaves, do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Jacqueline tem 29 anos, o que significa que também viveu o fenômeno do "ficar com" em seu início. Sua tese virou livro, *Ficar com - um novo código entre jovens*.

Segundo a psicóloga, o "ficar com" não pode ser definido como uma nova forma de *transar* - gíria que define uma relação sexual -, e nem como um "namoro relâmpago, um pré-namoro ou uma variação da amizade colorida". "Ele existe por si só; independe do namoro, da amizade ou de qualquer outra forma de vínculo", afirma ela, no livro. É um encontro de um dia que pode ir de mera troca de beijos a uma relação sexual.

Claúdia B. é uma adolescente de 14 anos que namorou pouco até hoje.

Ela não leu o livro, mas é quem melhor define a diferença entre "ficar com" e namorar, para o jovem: "Ficar com alguém é uma coisa meio abstrata, é inseguro, incerto, principalmente se a gente gosta do garoto. Já namorar é um lance mais concreto, você se envolve com o garoto, gosta dele pra valer."

Sem compromisso - O "ficar com" é um código de relacionamento onde a falta de compromisso e a multiplicidade

Fotos: A. C. Junior

Novo código comportamental das relações amorosas dos jovens, o "ficar com", é caracterizado principalmente pela separação entre sexo e sentimento. Há quem diga que ele é marcado pelo individualismo e alienação, mas outros preferem afirmar que é válido, já que é coerente com os tempos pós-modernos, o que não deixa de lado o gosto de muitos jovens pelo "velho" namoro



Hoje, pode-se namorar livremente antes do casamento. Mesmo assim, o fantasma do compromisso ainda assusta os jovens



de desejos, regras e usos objetivam a busca ininterrupta pelo prazer. Tal código só pode crescer, segundo a análise de Jacqueline, dentro da sociedade urbana contemporânea, na qual o

individualismo e o igualitarismo acabam por formar indivíduos autônomos, “uma sociedade hedonista, consumidora e pouco resistente à frustração”.

Antigamente, o namoro era mais sério e visava o casamento; o casal só podia namorar no portão ou na sala da casa da moça; esta era cautelosa e recatada; as famílias eram mais ou menos semelhantes em termos de educação, cultura, nível social, religião e identidade.

Hoje, tudo é muito diferente, embora ainda existam vestígios do namoro tradicional. A mudança maior se deu na quebra do vínculo entre namoro e casamento, no sentido da obrigatoriedade. Há também maior liberdade, o que significa uma grande mudança principalmente para a mulher. Hoje, pode-se namorar pelo prazer da relação, pode-se namorar várias pessoas antes de se casar. As variações são muitas, mas um aspecto do namoro tradicional continua presente: o compromisso. “Hoje, o compromisso não remete o casal necessariamente ao casamento, porém ele pressupõe um vínculo estável, monogâmico e fiel”, afirma Jacqueline.

Eis a palavra tão temida por sete entre dez jovens brasileiros: compromisso. Ela tem um peso de cunho geralmente negativo, do qual muitos

correm. Assim é com Alberto S. Na adolescência, namorou uma garota durante quatro anos, depois namorou outra por mais quatro. Hoje, com 26 anos, diz que perdeu um tempo precioso – durante o qual “ficou preso a uma só” – que precisa recuperar, “ficando com” duas meninas ao mesmo tempo, sem se comprometer com nenhuma delas: “Sou muito jovem para casar”, alega ele, sorridente. Compromisso, para ele, é uma preparação para o inevitável casamento, resquícios do namoro tradicional.

André L., 18 anos, ao contrário, está namorando há dez meses, “interrompidos por algumas briguinhas”. Para ele, compromisso não tem esse peso todo: “Compromisso é você, quando está namorando, ser fiel com a garota, dar satisfação do que vai fazer, para onde vai. Você namora uma pessoa que você ama, confia, pode contar com ela nas horas difíceis, tem na cabeça que é para durar. É uma relação mais profunda.” Ele confessa que se considera diferente da maioria dos amigos, por não gostar de “ficar com” muitas garotas, pois isso é “muito superficial, é só atração física, você enjoa logo da garota”.

Explicações – Apesar de ter baseado sua tese numa pesquisa de campo que se restringiu a entrevistas com

18 jovens de classe média de três grandes cidades – Rio, São Paulo e Belo Horizonte – e à observação do comportamento da juventude em bares, shows, boates etc., Jacqueline enumera em seu livro algumas possíveis explicações sobre a difusão do fenômeno. Uma delas é a liberação do erotismo, provocada pela revolução sexual, “onde tudo é permitido, as práticas que rompem os limites do bom gosto têm um significado positivo”. O corpo é abordado em termos estéticos, se tornando objeto de desejo e fonte de prazer, e a permissividade é maior.

Há também uma reação que ela encara como um impulso, uma descarga, provocada “por uma vontade superficial”: “O ato, a ação, é mais importante; o pensar fica para depois ou, no máximo, entra em cena quando se quer arquitetar uma ‘ficada’”, diz ela.

Outro princípio apontado é a negação da “alteridade”, ou seja, “a negação do outro como indivíduo singular”. O outro é alguém que existe apenas para satisfazer um desejo qualquer.

Segundo a psicóloga, “ficar com” é a maneira mais fácil de chegar perto de um outro indivíduo sem se comprometer: “É um exercício de sedução.” Neste contexto, a fidelidade adquire um outro valor. Antigamente, namorar implicava ser fiel ao outro. Hoje, este novo comportamento amoroso do

jovem derruba a obrigatoriedade da fidelidade na relação. Essa geração, que viu muitos pais se separarem por problemas conjugais como a traição, não acredita numa relação amorosa que seja determinada pela fidelidade. O "ficar com" pode ser uma tentativa de lançar um novo tipo de relacionamento onde o "ser fiel" não tem importância.

Neste jogo de sedução, tudo é válido. A conversa é um ponto muito importante para os jovens, principalmente entre os grupos mais novos. É preciso ter um bom papo para poder "ficar". Mas outros meios também são usados: olhares, sorrisos, tom da voz, atenção, carinho, corpo.

O que enlouquece Cláudia B., por exemplo, é o olhar do rapaz, mas diz que "ele todo é importante": "Eu olho só para caras bonitos. Tudo bem que beleza não põe mesa, mas abre o apetite", diz ela, rindo muito. Apesar de olhar e admirar os rapazes em festas e shows, Cláudia diz que gosta só de namorar: "Às vezes, as minhas amigas me chamam de burra porque eu não 'fiquei com' um carinha. Mas se olho e não sinto nada, às vezes ele

pode até ser legal, mas tenho que me sentir gamada, entende?" Confessa que só namorou sério duas vezes, mas que costuma ficar apaixonada por longos períodos: "Já gostei de um garoto por três anos, e ele nem sabia. Eu gosto de gostar de alguém."

Amor e sexo – Já se foi o tempo em que o sexo estava intimamente ligado ao amor. Para a geração "ficar com", uma coisa não tem nada a ver com a outra.

André L. tenta explicar: "Amor e sexo são diferentes. Muita gente faz sexo só pela atração física. Mas sexo deveria ser feito amando a pessoa, e não do jeito que se faz por aí. Mas não acho que eu esteja certo e os outros errados. Cada um tem a sua preferência."

A psicóloga Jaqueline Chaves afirma que o amor, hoje, é algo idealizado, cada vez mais distante da realidade da grande maioria dos jovens. O que vale é o prazer, a satisfação de uma necessidade física. Não há um envolvimento emocional. E quando há, é perigoso.

Renato C. tem 27 anos e "ficou

com" Cristina M., 25, por cinco meses. Se davam muito bem mas, um belo dia, sem motivo aparente, ele começou a brigar tanto que ela não agüentou mais e terminou a relação. Passado algum tempo, se reencontraram e ficaram juntos. Quando ela perguntou por que ele havia brigado tanto, ouviu a seguinte resposta: "Eu não sou de namorar, e o nosso caso estava ficando sério. Cinco meses, para mim, é demais." Depois desse último encontro, nunca mais se viram.

Tudo ao mesmo tempo agora – Outra característica de nossa sociedade pós-moderna é o seu ritmo desenfreado. Esse novo código de relacionamento pode também ser considerado reflexo disso. "Ficar com" várias pessoas num pequeno espaço de tempo é uma atitude de quem acha que o mundo vai acabar amanhã. A busca pelo prazer a todo custo, em qualquer lugar e tempo, é típica da sociedade em que vivemos. Urgência e pressa são sintomas da doença do progresso contemporâneo, da corrida alucinante imposta pela revolução tecnológica. O "ficar com", pela rapidez com que ocorre, pelo

**'Ficar com'
e namorar
não são
modalidades
diferentes de
relação.
Na prática,
acabam se
complementando**



pouco ou nenhum envolvimento emocional, pela satisfação rápida e superficial dos desejos, tem tudo a ver com os nossos tempos. Mas isso tem um preço.

Como afirma Jacqueline, em seu livro, esse novo código de relacionamento é o *fast food* das relações: "O jovem 'ingere' o 'ficar com' e, algumas vezes, fica com vários, numa troca infundável de objetos sem identidade definida, na esperança de não sentir um vazio, uma falta interior, o tédio."

Ao sentir esse vazio, porém, o jovem começa a sentir vontade de encontrar alguém com quem possa ficar mais tempo, dividir seus sonhos e projetos. Tal vontade vai, todavia, de encontro ao processo de individualização. A psicóloga explica: "Ao valorizar a autonomia do indivíduo, a liberdade de escolha, o desejo próprio e a manutenção da individualidade, o jovem se depara com um paradoxo: como fazer para estar no mundo com um outro e, ao mesmo tempo, ser independente?" Para ela, o "ficar com" é uma maneira possível de estar com um outro e, concomitantemente, manter a independência e não se comprometer. O mais importante é estar em contato consigo mesmo, sem deixar que a relação com o outro prejudique isso.

A psicanalista Helena Milman, a Dra. Luli, como é conhecida por clientes e amigos, chama a atenção para o perigo do isolamento que o "ficar com", segundo a tese de Jacqueline Chaves, pode provocar. Ela considera que este tipo de relação amorosa, se é um comportamento que gera o isolamento das pessoas, "é empobrecedor, na minha opinião pessoal, de postura de vida. Porém, como mais uma possibilidade amorosa, é muito válida". Trabalhando com adolescentes há 20 anos, a Dra. Luli acredita que as pessoas não deixaram de namorar, pelo contrário: "O 'ficar com' veio como um ingrediente a mais para a relação amorosa do jovem. Ele pode ser uma busca para um futuro namoro."

Novos tempos - Não se pode e nem se deve afirmar que comportamento é o "mais praticado" hoje em dia, entre a juventude brasileira, até porque namorar e "ficar com" não são

modalidades opostas dentro de uma relação amorosa, mas se complementam, segundo a Dra. Luli.

Jacqueline Chaves constatou, em sua pesquisa, que, enquanto os adolescentes mais novos (geralmente de 14 a 18 anos) dão preferência ao "ficar com", os mais velhos gostam mais de namorar. Numa pesquisa feita com 500 rapazes, de 14 a 22 anos, em algumas das principais capitais do Brasil - Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre -, em julho do ano passado, a revista *Capricho*, dirigida ao público jovem feminino, constatou que os entrevistados se dividiram ao dizer do que gostam mais: 26% deles optam

Vendo na própria casa como os pais têm dificuldade em lidar com a fidelidade conjugal, os jovens tentam inventar formas de relação que contornem o problema

por namorar, e 26% preferem "ficar com". Os restantes 48% afirmam que depende da situação. Como se viu, não se pode medir qual é o tipo de relacionamento mais em voga.

Apesar de a pesquisa de Jacqueline Chaves ter se restringido a adolescentes de classe média dos centros urbanos, o "ficar com" não é uma particularidade desse universo. Em todas as camadas, ele é também bastante praticado entre a juventude, dividindo espaço com o "velho" namoro. Rosângela V., de 22 anos, moradora de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, é uma das muitas jovens da sua

idade que prefere namorar: "Dá muito mais prazer, cria maturidade, a gente se envolve emocionalmente." Ela conta que algumas de suas amigas têm até caderninhos com nomes de rapazes com quem já ficaram, mas não são muitas. "Não sei o que isso pode acrescentar para a vida delas, é tão vazio... Namorar é muito melhor. 'Ficar com' não está com nada", afirma ela, que namora um rapaz há mais de três anos.

Há pessoas que acham que o fantasma da Aids está hoje muito presente nas relações amorosas dos jovens, sendo o namoro estável uma maneira de contornar esse problema. Outros consideram que o "ficar com", justamente por não exigir necessariamente um contato íntimo mais profundo, seria a solução para a relação amorosa nestes novos tempos. A psicanalista Luli Milman, todavia, crê que esta modalidade de relacionamento ajuda o jovem a escolher melhor seu parceiro, mas a Aids não tem peso aí, na sua opinião. "Ao terem liberdade para se relacionarem com mais pessoas, o jovem pode escolher com mais calma com quem quer namorar. O 'ficar com' é como uma experimentação, uma busca por um namoro mais sério. Mas o sexo, pelo menos para os mais jovens, é algo distante; a Aids ainda não está presente, como uma ameaça, no cotidiano deles", diz.

Segundo a análise de Jacqueline Chaves, no Brasil, existe uma tentativa por parte das pessoas de ligar a impessoalidade individualista (baseada na igualdade e na liberdade) ao estabelecimento de relações pessoais. A sociedade brasileira procura infiltrar na impessoalidade do mundo político e econômico uma boa dose de intimidade, como se em qualquer contato o importante fosse a relação pessoal entre os indivíduos.

É bem possível que o "ficar com" tenha relação com esse traço do brasileiro. Mas ele pode ser também uma busca por um contato mais íntimo, por um parceiro mais estável, com quem se possa dividir as coisas e que traga segurança. Pode ser a possibilidade de algo mais profundo, como o namoro à moda antiga, de mãos dadas, trocando beijos na portaria do prédio. ■

América Latina em Maringá

Congresso discute no Paraná as possibilidades e conseqüências da integração no continente

Os povos latino-americanos, mesmo tendo de suportar um cotidiano de injustiça social, não deixam de sonhar e de lutar para transformar a realidade em que vivem.

Para tanto, é necessário aprofundar a discussão sobre alguns temas fundamentais, entre eles: educação, integração regional, cidadania, democracia e cultura. Estes serão alguns dos assuntos tratados no II Congresso de Educação para a Integração da América Latina, a se realizar de 28 de julho a 2 de agosto deste ano em Maringá (PR).

No Paraná, a América Latina, até por uma questão geográfica, já é uma realidade assumida. Numerosas entidades vêm desenvolvendo e praticando o encaminhamento da integração junto à sociedade civil, acreditando que a mesma só poderá se consolidar através de um longo exercício de educação que passa pelo conhecimento das particularidades culturais que configuram os povos latino-americanos. A construção da integração é uma tarefa política

que deve apontar para um sentido de desenvolvimento global, no qual todos possam realizar suas potencialidades e escolher o que é melhor para todos e para cada um.

O evento será organizado pela Universidade Estadual de Maringá e pelo Comitê para Integração Latino-Americana. São quatro os eixos temáticos em torno dos quais serão orientados os trabalhos: educação pública formal e informal; meio ambiente (terra, alimentação e habitação); cultura e questão política.

Como a educação extrapola o ensino institucional, a discussão e os encaminhamentos das práticas alternativas educacionais assumem enorme



Para que os brasileiros possam se aproximar de seus vizinhos, é preciso conhecer as particularidades dos povos latino-americanos

importância, sobretudo no contexto da atual marginalização social presente nas sociedades latino-americanas. Um balanço crítico das práticas educacionais dominantes no interior das instituições existentes também é necessário, bem como dos meca-

nismos de poder e do planejamento governamental que as dirigem.

O meio ambiente, dentro de um enfoque holístico, não pode deixar de questionar as práticas sociais, o modelo de desenvolvimento atual e a apropriação criadora e destruidora que é feita da natureza. O alto poder entrópico existente no atual modelo de desenvolvimento econômico não apenas coloca em viabilidade da vida na Terra como também corre o risco de tentar restabelecer aspectos parciais do meio ambiente afetado (como florestas, água e ar) em detrimento do ser humano que, no limiar da Revolução Tecno-Industrial, se vê condenado à fome, ao desabrigo, a doenças e outras calamidades evitáveis.

A cultura deve ser entendida como o processo simulado da criação e recriação das formas de existência dos povos. A reflexão sobre estas formas permite identificar a obra do criador, devolvendo-lhe a imagem de sua própria criação da maneira como ele mesmo imagina e pretende como sua. Em síntese, é o exercício da construção permanente da sua própria identidade no ato de fazer a História.

No momento atual, o processo histórico coloca grandes desafios que passam pelo conflito latente e manifesto entre a modernização e a modernidade. As sociedades latino-americanas se inscrevem no contexto da modernização, cujo vetor principal é dado pelos processos tecnológicos mundiais, com forte hegemonia dos países altamente industrializados.

A idéia da soberania nacional passa a sofrer um bombardeio crescente das imposições crescentes do mercado global. Por outro lado, os mecanismos culturais de internacionalização apresentam uma série de problemas, decorrentes de um novo referencial de valores de consumo cultural.

A normatividade desse processo pode ser chamada de modernidade. A contradição entre modernização e modernidade introduz um déficit entre a capacidade de modernização efetiva das sociedades latino-americanas e a forma como os povos usufruem dessas vantagens. Se há uma tentativa de homogeneizar os padrões de consumo e de valores, principalmente pela televisão, por outro lado há uma distância enorme entre idealizar valores e realizá-los pelo mercado, uma vez que uma imensa parcela da população está excluída da modernização.

Finalmente, o eixo sobre a questão política deverá discutir as práticas institucionais do governo municipal e as formas de serem desenvolvidas pelas organizações populares. A idéia é pensar em mecanismos efetivos de construção de um poder democrático.

Uma parceria produtiva

Marcelo Monteiro

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o Ministério de Educação Superior de Cuba assinaram, no final de abril, um convênio para a realização de seis projetos tecnológicos conjuntos em 1994. Os programas são das áreas de biocerâmica, informática, automação industrial, extração de petróleo, manutenção preventiva de máquinas e de aproveitamento de resíduos industriais.

O convênio prevê a transferência de tecnologias, desenvolvimento de produtos e o intercâmbio de professores entre a Uerj e dez instituições cubanas de ensino e pesquisa. A Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (Faperj) cedeu 20 bolsas de estudo para a estada de pesquisadores cubanos no Brasil. As passagens são pagas pela Uerj. Numa segunda fase, os produtos desenvolvidos nos programas poderão ser comercializados.

Segundo Paulo Jorge Paes Leme, diretor do Instituto Politécnico da Uerj, o acordo foi viabilizado devido ao alto grau de desenvolvimento de Cuba na fabricação de produtos médicos. Outro aspecto comum é o modelo tecnológico cubano, que prioriza a transformação do conhecimento científico em tecnologia e em produtos, orientação que também é seguida pelo Instituto Politécnico da Uerj.

A primeira etapa do convênio será a produção no Brasil de biomateriais, usados em tratamentos de saúde, fabricados em Cuba e oferecidos no Brasil a preço inacessível para a maioria da população. Um dos produtos cubanos é o Cubridem, que corrige defeitos estruturais dos dentes e previne a incidência de cáries em crianças de seis a 11 anos.

Na fase inicial do acor-

Convênio assinado entre a Uerj e o governo cubano vai permitir que o Brasil fabrique próteses e outros produtos usados na medicina

do, que deverá durar um ano, também serão desenvolvidas próteses dentárias, de braços e pernas. Segundo Paulo Jorge Paes Leme, as próteses fabricadas no país ainda não apresentam a mesma qualidade das importadas, que são extremamente caras. "Vamos tentar fabricar um produto de boa qualidade e a um preço acessível." O acordo prevê ainda a formação de uma empresa dentro da própria universidade, que poderá contar com participação de sócios particulares.

Também deverá ser produzido um adesivo biológico regenerador de tecidos que substitui os pontos em determinadas cirurgias estéticas e de varizes, assim como uma parafina usada

na análise patológica e em botânica.

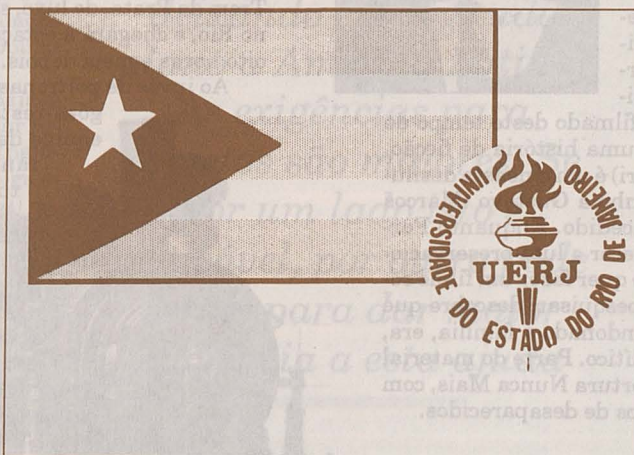
Além de ampliar a oferta de produtos de uso médico no Brasil, o convênio também poderá atender à demanda reprimida em Cuba, onde a dificuldade de investimentos, devido ao bloqueio norte-americano, reduz a capacidade de produção, segundo Rubén Alvarez Brito, diretor do Centro de Biomateriais da Universidade de Havana. Os cubanos também poderão ser beneficiados com o desenvolvimento de projetos conjuntos com a Uerj para microeletrônica e *software*, áreas diretamente afetadas pelo bloqueio norte-americano a Cuba.

Os produtos fabricados durante o acordo Uerj-Cuba serão avaliados pelo Instituto Politécnico da Uerj, sediado em Nova Friburgo (região serrana do Rio de Janeiro), Instituto de Biologia, Faculdade de Odontologia da Uerj e Faculdade de Odontologia de Nova Friburgo.

O convênio prevê também a vinda ao Brasil, ainda este mês, de técnicos cubanos especializados em física acústica, para revisão dos motores de máquinas, e de três físicos nucleares do Instituto de Ciência e Tecnologia Nuclear de Cuba. No ano passado, alguns contaminados com o Césio 137 em Goiânia receberam tratamento em hospitais da ilha.

No segundo semestre, professores da Uerj deverão viajar para

Cuba a fim de coordenar cursos de graduação e pós-graduação sobre História do Brasil, Literatura Comparada e Relações Sociais. Ainda em 1994, deverão ser realizados seminários de qualificação profissional para professores e aprimoramento da educação básica com participação de docentes brasileiros e cubanos. Segundo o reitor da Uerj, Hésio Cordeiro, uma das prioridades da direção da instituição é aproximá-la do ensino básico. ■



UNE RECUPERA TERRENO

O presidente Itamar Franco devolveu à União Nacional dos Estudantes (UNE) o terreno (foto) da praia do Flamengo, no Rio, que abrigou a entidade de 1942 a 1964. No lugar do prédio, demolido em 1980 durante a administração do então presidente João Figueiredo, será erguido outro de 12 andares com videoclube, cineclube, exposições, teatro, shows e salas de aula.

Pelo menos é o que pretendem o presidente da UNE, Eduardo Gusmão, e o da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), Joel Benin, que esperam contar com a ajuda da iniciativa privada.

A UNE tem sido um local de formação de líderes e de renovação de idéias. Lá funcionava o Centro Popular de Cultura (CPC), núcleo artístico que agitou os anos de chumbo e consagrou nomes como Oduvaldo Viana Filho e Ferreira Gullar.

No dia seguinte ao golpe de março de 64, paramilitares do Movimento Anticomunista e fuzileiros navais expulsaram os estudantes do antigo prédio com metralhadoras. Em 1980, o terreno foi doado à Universidade do Rio de Janeiro (UNI-Rio), cujo reitor, o escritor Guilherme Figueiredo, providenciou sua demolição. Em 1985, a UNE voltou à legalidade, começando uma campanha para recuperá-lo.

Em termos legais ele já é da entidade, mas em termos práticos é preciso desocupar o terreno, onde invasores administram um estacionamento ilegal.

CINEMA NACIONAL

Utopia e barbárie é o mais novo filme de Sílvio Tendler, que fecha a trilogia que começou com *Os anos JK*, de 1980, e *Jango* (foto), de 1984. A ação começa na euforia das Diretas Já (1984) e vai até a geração cara-pintada e o *impeachment* de Collor (1992).

O filme está orçado em US\$ 800 mil. A obra recupera também a memória dos anos da ditadura militar, a partir de 1968, época de torturas e desaparecimentos. Pela dificuldade de conseguir material filmado deste tempo de repressão, o cineasta optou por uma história de ficção. Fernando (Giafrancesco Guarnieri) é um cineasta desiludido que tem um escritório vizinho a Gustavo (Marcos Palmeira), um cineasta bem-sucedido. Enquanto Fernando vai para a Amazônia conhecer a luta preservacionista de um seringueiro, Gustavo quer fazer um filme sobre desaparecidos políticos. Ao pesquisar, descobre que seu pai, que ele pensava ter abandonado a família, era, na verdade, um desaparecido político. Parte do material histórico foi cedida pelo grupo Tortura Nunca Mais, com depoimentos de parentes e amigos de desaparecidos.



A ERA DA IMAGEM

Em abril, o filósofo francês Régis Debray lançou o livro *O estado sedutor*, em Paris, onde prossegue seu estudo sobre influências políticas e culturais da mídia.

Criticado como exagerado ao tratar a relação entre mídia e poder, Debray responde com o caso Collor, que considera o mais escandaloso exemplo de manipulação da opinião pública pelo Estado publicitário no Brasil. O filósofo alega que Collor caiu "porque a corrupção desgovernada foi mais forte que o Estado-telinha narcisista que ele implantou no país".

Neste livro, Debray procura demonstrar como o Estado sempre usou a imagem para manipular a opinião. Na França de Luiz XIV, o Rei Sol utilizava a linguagem e todas as artes visuais para sua própria glória. Em nosso tempo, que ele chama de videosfera (era da imagem, do audiovisual), a comunicação tornou-se o centro da ação do Estado. Segundo pesquisas de *marketing* político, os elementos mais importantes para uma boa performance no vídeo são: o rosto (55%), a voz (38%) e o discurso (7%). O ex-presidente Collor que o diga.

PONTE FERROVIÁRIA

Os saudosistas ainda continuarão lamentando o fim da locomotiva Maria Fumaça, mas, como consolo, é bom saber que uma das maneiras mais charmosas de viajar entre Rio e São Paulo vai voltar. A partir de novembro, o Trem da Prata, de luxo, sairá da estação Barão de Mauá, no Rio, e chegará à estação Barra Funda, em São Paulo, oito horas e meia depois.

Ao invés de poltronas, terá sete vagões-leito, dois vagões-restaurant e um vagão-bar. Uma equipe de bordo com 45 funcionários garantirá o atendimento aos 122 seletos passageiros. A passagem tem preço salgado: cerca de US\$ 80.



Novas prioridades da cooperação internacional

Elias Fajardo

A cooperação internacional com o Terceiro Mundo está mudando. Por força de transformações políticas e econômicas no Primeiro Mundo e no interior das próprias agências de financiamento, várias delas estão relutantes e fazem críticas aos projetos de ajuda desenvolvidos na América Latina.

O advogado Daniel Rech, coordenador do Departamento de Estudos e Atuação Social do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), uma Organização Não-Governamental (ONG) brasileira, revela que o quadro mudou a partir do esfacelamento do bloco de países sob a influência soviética e das imigrações em massa para a Europa, oriundas sobretudo da África e do Leste europeu. "Para grande parte dos africanos e dos habitantes do Leste, a sobrevivência ficou quase impossível e eles são forçados a migrar. Os europeus, assustados, começaram a investir sua ajuda nesses países, para, a longo prazo, diminuir a migração."

A motivação para isso, segundo Daniel, é óbvia: "A fome explícita e as crises políticas africanas chamam mais a atenção do Primeiro Mundo do que a situação de pobreza das camadas populares latino-americanas."

Ao mesmo tempo, os países que mais costumavam enviar recursos à América Latina (Inglaterra, Holanda, França, Bélgica, Alemanha e Estados Unidos) estão vivendo uma crise interna, com aumento do desemprego e renovadas levas de imigrantes a serem sustentados, exigindo recursos prementes na área social. Por isso, a sociedade civil pressiona os governos a investir em seu próprio território, e não de outros.

Ajuda Norte-Sul - Para entender melhor este processo, é necessário voltar ao período que vai do fim dos anos 60 ao início dos 80. Nessa época, houve um significativo incremento na ajuda do Norte rico para o Sul pobre.

No âmbito de governo para governo, apareceram muitos programas de ajuda, sobretudo através do Banco Mundial. Na área não-governamental, também houve crescimento da cooperação. Aí, os recursos são de dois tipos. O primeiro é o apoio de solidariedade, obtido no Primeiro Mundo através de campanhas junto à sociedade civil. O segundo é dinheiro proveniente dos próprios governos europeus, dos EUA e do Canadá, que passaram a destinar até 1% dos seus orçamentos públicos* para a cooperação não-governamental internacional. Os recursos doados oficialmente às

ONGs do Norte, por sua vez, eram repassados para as ONGs do Terceiro Mundo, sem interferência das autoridades locais. Como na década de 70, a maioria dos governos latino-americanos era ditatorial; os países europeus tentavam, assim, evitar que os recursos fossem manipulados por dirigentes políticos ou militares ilegítimos.

No entanto, pesquisas do Banco Mundial revelaram que uma parte muito significativa da ajuda era retida pelos governos locais. Segundo Daniel, ficou provado, por exemplo, que, num programa para o Nordeste brasileiro, financiado pelo Banco Mundial e intermediado pelo governo federal, 93% dos recursos se perderam no caminho e só 7% chegaram aos destinatários. Percebendo isso, o Norte preferiu passar a aplicar recursos diretamente nas ONGs, liberando-os com mais facilidade e dispensando parte da burocracia. Grandes ONGs brasileiras e latino-americanas, em geral, consideradas mais confiáveis, passaram a receber os financiamentos primeiro-mundistas.

As maiores agências de cooperação do exterior costumam investir hoje em torno de 05 a 10 milhões de dólares ao ano no Brasil em programas variados. Uma quantia deste tipo é bastante significativa em si, mas em comparação com os recursos repassados de governo a governo é muito pequena.

Nova orientação - Quando se iniciou a crise no Leste europeu, os países financiadores começaram a rever a sua política de ajuda. Criticaram o auxílio que davam no passado, afirmando que grande parte dos recursos investidos no Sul não levou a resultados esperados, especialmente quanto a uma melhoria das condições

*Hoje, o Primeiro Mundo
prefere ajudar
desprotegidos da África e
do Leste europeu,
deixando em segundo
plano a América Latina.
As exigências para
projetos são maiores. Se
por um lado isto é
criticável, por outro pode
servir para dar maior
eficiência a esta ajuda*

materiais da vida da população.

Hoje, já com os financiamentos para aplicação no exterior bem reduzidos, os países ricos querem uma "orientação mais precisa, objetiva e científica dos projetos". Exigem uma metodologia de trabalho que assegure atingir metas e, sobretudo, planos elaborados com rigor técnico. As agências de ajuda explicitam a nova orientação, reivindicando melhor gerenciamento dos re-

recursos que repassam e uma contabilidade mais completa, com auditorias e controle.

Segundo Daniel Rech, essa política é interessante por um lado, pois obriga as ONGs do Terceiro Mundo a terem mais cuidado com a aplicação, a definição de metas e o planejamento rigoroso.

"Mas por outro lado é problemático, pois seleciona demasiadamente os destinatários dos recursos. Ou seja, quem tem competência administrativa, acaba sendo beneficiado. Mas, e os pobres, os excluídos, como podem obter recursos se não têm formação suficiente para atender a esses mecanismos complexos de gestão e administração?"

Além disso, como lidar com a política de resultados? Algumas vezes, a proposta das ONGs é aumentar a consciência de cidadania da população pobre, reforçar seus laços de solidariedade. E os resultados de um trabalho desse tipo são difíceis de serem medidos em termos estatísticos ou econômicos.

O desafio da transformação – O maior dilema de quem ajuda é que, nos países do Sul, o modelo de desenvolvimento econômico é excludente, ou seja, faz com que os segmentos mais pobres da sociedade fiquem fora da possibilidade de progredir e que os ricos se tornem cada vez mais prósperos.

Daniel acredita que a transformação é possível, mas para que isso aconte-



Graças à cooperação internacional, agricultores puderam se organizar para combater a seca e produzir mais

Foto: Luiz Alves

de colocar parte da sua produção no mercado paulista.

Um terceiro caso seria o do Centro de Comercialização e Abastecimento Popular, do Rio de Janeiro, uma associação que criou postos de distribuição de produtos agrícolas vindos do Paraná para serem vendidos em centrais de distribuição em favelas cariocas.

Na realidade, no caso concreto do Brasil, deve-se considerar que o chamado campo de-

mocrático-popular – constituído por trabalhadores do campo e da cidade, povos indígenas, mulheres, moradores das periferias urbanas, crianças de rua etc. – tem avançado em termos de organização e mobilização. A realidade não é a mesma de há 20 anos, quando os setores populares viviam oprimidos por uma ditadura militar.

Segundo um documento do Fórum das Pastorais Sociais, é preciso ver os desprotegidos "como sujeitos importantes para as transformações políticas de que a humanidade necessita. Trata-se de radicalizar a democracia em todas as relações sociais, com também nas estabelecidas com a natureza. E também na conquista do direito de ser culturalmente diferente e de ser pessoa humana, um ser único, diferenciado e relacional".

Daniel Rech conclui: "A perspectiva fundamental da ajuda internacional é a da transformação social e não a mera integração ao sistema. Para os pobres, as melhorias sócio-econômicas serão sempre bem-vindas, mas só se consolidarão se forem decorrentes de efetiva transformação social, com melhor qualidade de vida, na progressiva participação no exercício do poder e na afirmação de sua condição de sujeitos, cidadãos e livres." ■

teça há necessidade de uma mobilização educativa junto à população mais pobre que não produz resultados imediatos. O processo de mudança é a longo prazo e precisa de apoio permanente. "Além disso", prossegue ele, "enquanto a cooperação internacional se dá no sentido da promoção humana, existe toda uma força maior do modelo capitalista internacional que trabalha justamente no sentido contrário, ou seja, drenando recursos do Sul para o Norte e apoiando o processo de exclusão, impedindo que a população pobre tenha acesso a melhores condições de vida".

Mesmo assim, há alguns exemplos, no campo prático do sucesso da cooperação internacional, que merecem ser citados. Um deles é a Associação de Pequenos Agricultores do Município de Valente, na Bahia. Ajudados por ONGs do Primeiro Mundo, produtores de sisal se organizaram, cresceram, implantaram unidades de beneficiamento da fibra e hoje estão produzindo e até exportando para vários países. Já autônomos financeiramente, agora buscam recursos de bancos oficiais brasileiros.

Um segundo exemplo seria a Articulação Central das Associações Rurais de Ajuda Mútua (Acaram), com sede em Ji-Paraná, em Rondônia, que começou reunindo-se com o apoio internacional, e juntou pequenos grupos de agricultores, a maioria produtores de café. Há três anos, a Acaram está exportando café para a Europa, além

(*) A meta estabelecida pela ONU no sentido dos países industrializados destinarem 1% do seu Produto Interno Bruto (PIB) à cooperação internacional para o desenvolvimento do Sul, na verdade só foi atingida por alguns países nórdicos. Os demais investiram menos de 0,5% do PIB nesse fim

ÁFRICA DO SUL

A influência das mulheres

Na nova África do Sul que está surgindo, mulheres de diferentes origens étnicas, sociais e econômicas se unem para lutar pelos seus direitos

Elisa Larkin Nascimento

Asede da Coalizão Nacional de Mulheres está situada em um luxuoso centro comercial de Joanesburgo, em um edifício de 50 andares com uma vista panorâmica da cidade e das minas de ouro que tanto marcaram a história do país.

As mulheres da Coalizão são brancas e negras e falam diferentes idiomas: o movimento engloba enormes diferenças de origem social, cultural e geográfica, assim como de condições econômicas. Mas reflete a vontade comum das mulheres sul-africanas de participarem na política.

Quase uma centena de organizações de nível nacional, que se uniram para formar a coalizão, lhes deu uma missão clara: organizar e executar um processo de consulta no qual as mulheres sul-africanas de todas as origens expressem

suas reivindicações na construção de uma nova ordem democrática.

A Coalizão se formou em 1992 e, em março passado, aprovou inicialmente sua "Carta para a Igualdade Efetiva da Mulher". O texto atual reflete preocupações comuns das mulheres de quase todo o mundo, como a exclusão do exercício do poder (na casa, no trabalho e no Estado); a desigualdade no acesso à educação e ao emprego; menor remuneração; violência e estupro; direitos de reprodução, de saúde e maternidade etc.

Há também pontos específicos da realidade do país. Grande parte da população feminina negra está nas áreas rurais, onde 85% dos trabalhadores agrícolas são mulheres africanas e 60% das famílias estão sob responsabilidade de mulheres. Outro enorme setor mora em favelas. Só 53% da população rural têm acesso à água potável; só 12% da população negra rural e 7% dos negros que moram nas

favelas vivem em casas com banheiros (99% dos brancos desfrutam desse conforto).

O peso dessa miséria recai, evidentemente, sobre a mulher negra. A Carta dedica seu artigo 5 às necessidades destas mulheres, ao abordar temas como desenvolvimento, infra-estrutura e meio ambiente.

Contra a subordinação da mulher – Por outro lado, existem leis consuetudinárias africanas e muçulmanas que subordinam a mulher a ponto de, em alguns casos, considerá-la juridicamente incapaz, como os menores, sem direito à herança, nem a fazer contratos ou ser proprietária de bens. A atual Constituição interina estabelece a subordinação das leis consuetudinárias ao princípio de igualdade da mulher. Mas antes é necessário consolidar e efetivar esta subordinação, oferecendo meios para preservá-la e executá-la frente ao poder local.

Baseando-se na Constituição Interina, a Assembléia Constituinte eleita em 27 de abril elaborará uma nova e definitiva Carta Magna para o país. Existe consenso geral sobre a inclusão de um capítulo de direitos fundamentais e é provável que a Carta pela Igualdade Efetiva da Mulher esteja na mesa de negociações e seja anexada como instrumento auxiliar, no que se refere aos direitos da mulher. Com isto, a África do Sul terá inovado no cenário jurídico mundial no campo da efetivação dos direitos proclamados. ■



As mulheres sul-africanas se uniram numa organização multirracial para lutar por seus direitos

HAITI

Aperta o cerco sobre a ditadura

Após quase um ano, pode estar chegando ao fim o impasse em que se encontram as negociações para o restabelecimento da democracia no Haiti graças à decisão do governo dos Estados Unidos de endurecer as pressões sobre a ditadura militar que depôs o presidente Jean-Bertrand Aristide em setembro de 1991.

A guinada na posição norte-americana começou a ficar clara em 26 de abril, com o pedido de demissão de Lawrence Pezzulo, diplomata encarregado pelo presidente Clinton de dirigir as negociações para a redemocratização do Haiti. Pezzulo, que permaneceu 13 meses no cargo, defendia uma solução política que forçasse Aristide a compartilhar o poder com os militares golpistas, hipótese sempre rejeitada pelo presidente deposto.

A saída de Pezzulo foi seguida pela mudança de posição de Washington no Conselho de Segurança da ONU. No início de maio, os Estados Unidos apoiaram a decisão do Conselho de decretar um bloqueio total ao Haiti, incluindo a proibição de que 600 oficiais do Exército e suas famílias deixem a ilha e uma recomendação para que todos os países tornem indisponíveis os eventuais bens desses militares em seus territórios.

Há vários meses, a administração norte-americana é alvo de críticas, dentro e fora do país, pela sua posição débil no conflito haitiano. O presidente Bill Clinton vinha sendo pressionado por alguns senadores do seu próprio partido e um grupo de parlamentares negros para que impusesse sanções mais duras ao regime militar.



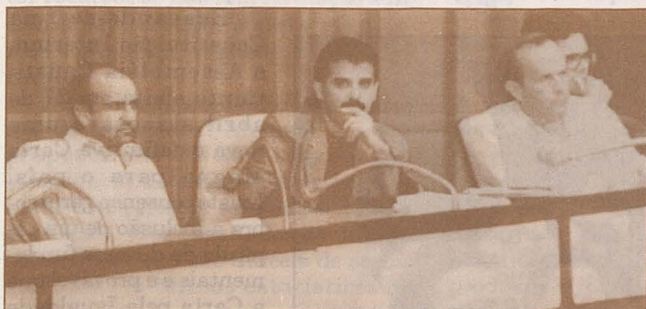
Jonassaint: posse não reconhecida

Também demandavam que Washington interrompesse a repatriação dos haitianos capturados pela guarda costeira norte-americana.

Numa manobra para enfrentar o recrudescimento das pressões, em meados de maio a junta golpista e o Parlamento – dominado por opositores a Aristide – empossaram como “presidente” haitiano o juiz Émile Jonassaint, de 81 anos. O ato, porém, não foi reconhecido por nenhum país. A posse de Jonassaint foi “cínica, ilegal e inconstitucional”, declarou a porta-voz da Casa Branca, Dee Myers.

CUBA

Reencontro com o exílio



O chanceler Robaina (ao centro) na reunião com os exilados

Um dos problemas políticos mais delicados de Cuba – o relacionamento do governo e da população em geral com os que partiram para o exílio após a revolução, em 1959 – parece caminhar para uma solução. Num encontro considerado um divisor de águas na história recente do país, representantes da comunidade cubana no exterior se reuniram com autoridades de Havana para discutir temas relacionados à cidadania e a trâmites migratórios.

Embora não tenha sido a primeira reunião desse tipo, a conferência “A nação e a emigração” não tem nenhum para-

lelo com as realizadas antes, tanto pelo número e o peso das figuras envolvidas, quanto pelos resultados obtidos.

A reunião, realizada em Havana entre os dias 22 e 25 de abril, contou com a participação de 225 cubanos radicados em 30 países, tendo ficado de fora apenas os setores que se opõem radicalmente ao regime. Os trabalhos foram acompanhados pessoalmente pelo chanceler Roberto Robaina e o próprio presidente Fidel Castro participou do encerramento do encontro.

Apesar de discutir uma agenda limitada, a reunião deixou frutos importantes, como o atendimento de algumas das principais reivindicações da comunidade radicada no exterior. A chancelaria cubana anunciou ainda a criação de um escritório para atender aos problemas dos emigrantes e propiciar a edição de uma revista que aborde os problemas dessa comunidade.

Miguel Alfonso, porta-voz da conferência, realizada a portas fechadas, declarou que o intercâmbio de opiniões entre ambos os lados foi “muito rico e respeitoso”, acrescentando que o tema da participação na vida nacional foi amplamente discutido pelos exilados, embora “não com uma visão de conquistadores, nem com o ânimo de recuperar bens perdidos”.

Muitas questões continuam pendentes, mas sem dúvida a reunião representou um grande avanço no sentido de reconciliar os 11 milhões de cubanos da ilha com os dois milhões que emigraram, a maioria deles por discordar do regime socialista implantado nos anos 60.

EL SALVADOR

Divergências dentro da FMLN



A coalizão CD-FMLN, antes das eleições que fizeram aflorar as divergências

O resultado do segundo turno das eleições de 24 de abril em El Salvador, em que saiu vitorioso Armando Calderón Sol, da direita, da Aliança Renovadora Nacionalista (Arena), confirmou os prognósticos dos observadores e teve graves efeitos internos na Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN).

Em maio, se tornou público o que há dois anos era um "segredo" conhecido por todos: as divergências internas da FMLN e sua divisão em duas facções ideológicas.

O Exército Revolucionário do Povo, que passou a se chamar Expressão Renovadora do Povo (ERP), sob a direção do polêmico ex-comandante Joaquín Villalobos, e a Resistência Nacional (RN), encabeçada por Eduardo Sancho, se definem como "social-democratas". O Partido Comunista, de Schafik Handal; as Forças Populares de Libertação (FPL), de Leonel González; e o Partido Revolucionário dos Trabalhadores Centro-Americanos (PRTC), de Roberto Roca, conservam sua identidade "marxista".

As primeiras diferenças na bancada da FMLN afloraram durante a sessão da Assembléia Legislativa para eleger sua primeira mesa diretora, em maio.

Dos dez cargos de direção, dois correspondiam à FMLN, para a qual "não valia a pena ocupá-los, pois as reformas promovidas pelos anteriores deputados colocavam a oposição em desvantagem".

No entanto, a surpresa aconteceu quando sete deputados ex-guerrilheiros — liderados por Eduardo Sancho, da RN, e Ana Guadalupe Martínez, da ERP — votaram na deputada Gloria Salguero Ross, da Arena, para o cargo de presidente da Assembléia.

Como se isso não bastasse, Sancho propôs Ana Guadalupe para a vice-presidência, o que foi aceito por todos os deputados, à exceção dos 14 do PC, das FPL e do PRTC. A gota d'água foi a escolha do próprio Sancho para ocupar a secretaria da Assembléia.

"Perdeu-se a disciplina do partido e isso trará conseqüências gravíssimas para a FMLN", assegurou o ex-comandante Francisco Jovel, da FPL.

O dirigente Jorge Meléndez, da ERP, negou que seus correligionários tivessem feito "um arranjo político" com seus antigos adversários da Arena. Mas, seu aliado Fidel Recinos, da RN, confirmou à imprensa que a votação havia sido acordada previamente com a bancada do governo.

PANAMA

Vitória do PRD, derrota para os Estados Unidos

Vitória dos herdeiros políticos do general Omar Torrijos, amarga derrota para os Estados Unidos. Assim poderia ser resumida a eleição do candidato do Partido Revolucionário Democrático (PRD) para a presidência do Panamá, em maio passado.

Para Washington, o revés com esse resultado se explica: depois de invadir o Panamá e derrubar o general Antonio Noriega, com a justificativa de seu envolvimento no tráfico de drogas, os Estados Unidos apostaram todas as suas fichas no governo conservador de Guillermo Endara.

Apesar do apoio norte-americano à coalizão governamental nesses mais de quatro anos, no primeiro teste nas urnas após a invasão, a vitória coube a Ernesto Pérez Balladares, do PRD, o mesmo partido de Noriega. Confirmando as pesquisas pré-eleitorais, o economista venceu o pleito com 33% dos votos. A surpresa ficou por conta do segundo lugar, conquistado por Mireya Moscoso de Gruber, do governista Partido Arnulfista, que obteve 29%, seguida do cantor e ator Rubén Blades, do movimento Papa Engorro, com 17,4% dos votos. As enquetes antes do pleito davam um distante terceiro lugar para Mireya, viúva do caudilho Arnulfo Arias, três vezes presidente do país.

A vitória do PRD marca uma guinada no panorama político panamenho pós-invasão. Balladares, de 47 anos, começou sua carreira ainda durante o governo do falecido comandante Omar Torrijos, de quem foi ministro da Economia. Conhecido como *El Toro*, devido à sua corpulência, Balladares manteve durante a campanha o discurso nacionalista do PRD, mas procurou apagar suas vinculações com os militares, especialmente com o deposto general Noriega.



Balladares

MÉXICO

Super ministério de Segurança

Um dia depois do seqüestro do multimilionário Angel Losada Moreno, vice-presidente de uma cadeia de 193 supermercados em 50 cidades mexicanas, o presidente Carlos Salinas de Gortari criou um novo organismo coordenador de segurança pública que dependerá diretamente da Presidência. "As circunstâncias pelas quais atravessa atualmente nosso país tornam patente a necessidade de que os órgãos de segurança no âmbito nacional estejam devidamente coordenados, de maneira a obter uma maior eficácia."

O seqüestro de Losada Moreno vem se somar ao de Alfredo Harp Helú, presidente do maior grupo bancário do México, ocorrido um mês antes, e a outros fatos que abalaram o país, como a rebelião indígena-camponesa de Chiapas no início de janeiro e o assassinato do candidato presidencial Luis Donaldo Colosio em abril. Nos últimos dois anos se registraram mais de 600 seqüestros contra empresários.

O novo organismo será chefiado por Anselmo Farel Cubillas, até então ministro do Trabalho, a quem a im-

prensa já definiu como "o czar da segurança nacional". Os meios de comunicação ressaltaram a necessidade do governo de atuar eficazmente diante de um crescente quadro de descrédito oficial e incerteza da população às vésperas das eleições presidenciais de 21 de agosto.

Por outra parte, a instabilidade do México no último ano do governo de Salinas de Gortari se viu refletida na Bolsa de Valores mexicana, que sofre duras quedas e surpreendentes recuperações em apenas dois ou três dias.



Os candidatos às eleições, antes de um debate na Tv: Ernesto Zedillo (esq.), Diego Fernández e Cuauhtémoc Cárdenas

Argentina

Manifestações de rua, enfrentamentos com a polícia e paralisações são o resultado das medidas de ajuste econômico implementadas pelo governo de Carlos Menem, que vêm castigando duramente seis províncias localizadas no nordeste do país. Trabalhadores de Jujuy, Santiago del Estero, Catamarca, La Rioja, Salta e Tucumã - onde 30 a 40% da população economicamente ativa são funcionários públicos - foram às ruas reclamar contra os baixos salários no setor público e privado. Segundo os analistas, o problema de fundo é a falta de uma política econômica para essas províncias. As manifestações obrigaram o governo federal a recuar e atender às demandas com um programa de estímulo às economias dessas províncias.

Equador

As eleições legislativas do Equador, realizadas em maio último, puseram sobre os ombros das forças de oposição o peso da difícil tarefa de devolver o prestígio a um Congresso desacreditado perante a opinião pública.

O resultado do pleito significou uma contundente derrota



Ballen: revés nas urnas

para o governo conservador do presidente Sixto Durán-Ballen - que adota uma política econômica de cunho neoliberal -, enquanto que a oposição social-cristã se revelou como a primeira força política do país, seguida por populistas, social-democratas, esquerdistas e democrata-cristãos. Os partidos do governo, Unidade Republicana e Conservador, obtiveram 6 das 65 cadeiras que estavam sendo disputadas no Parlamento unicameral, integrado por 77 deputados.

Ainda assim, o ministro do Interior, Marcelo Santos, declarou que o governo do Equador buscará o diálogo com os novos membros do Congresso para avançar com o programa de modernização e privatização das empresas do Estado.

O próximo desafio das forças políticas será o plebiscito marcado para o dia 24 de julho, onde a população deverá se pronunciar sobre a reforma constitucional.

ÁFRICA DO SUL

O CNA no poder



Mbeki (esq.), Mandela e De Klerk: o novo governo toma posse

“Hoje, estamos entrando numa nova era. Hoje, celebramos não a vitória de um partido, mas a vitória de todo o povo da África do Sul.”

Com estas palavras, o líder negro Nelson Mandela marcou o seu primeiro pronunciamento público depois de ser empossado presidente da África do Sul, em 9 de maio passado.

A esperada vitória de Mandela nas primeiras eleições multirraciais tornou realidade aquilo que, há pouco tempo, parecia impossível. Após 342 anos de domínio branco

e 46 de regime de *apartheid*, os sul-africanos negros puderam por fim exercer o direito de voto, elegendo um governo e um Parlamento dominados pelo Congresso Nacional Africano (CNA).

O CNA obteve 62,3% dos votos, enquanto que o Partido Nacional (PN), até então no poder, conseguiu o apoio de 20,3% do eleitorado. Em terceiro lugar ficou o partido zulu Inkhata, de Mangosuthu Buthelezi, com 10,5% dos votos.

Falando para uma multidão na Cidade do Cabo, Mandela fez questão de tranquilizar as minorias do país, afirmando que seus direitos serão respeitados por um governo do CNA, mas ressaltou que haveria mudanças destinadas principalmente a beneficiar a maioria negra que vive na pobreza. “O povo da África do Sul falou nestas eleições. Ele quer mudanças e as terá.”

De acordo com as leis do período de transição, as vice-presidências serão ocupadas pelo CNA e pela segunda legenda mais votada, no caso o Partido Nacional. Para a primeira vice-presidência, foi designado Thabo Mbeki, um dos principais quadros do CNA, enquanto que a segunda ficará com o ex-presidente Frederick de Klerk.

A nova equipe será formada em sua maioria por quadros do CNA, que ocupará pastas chaves como a da Defesa (Joe Modise), Polícia (Sidney Mufamadi), Relações Exteriores (A. Nzo). Mas o Partido Nacional manterá, entre outros, os importantes ministérios das Finanças, que continuará em mãos de Derek Keys, e das Minas e Energia, que será assumido pelo ex-chanceler “Pik” Botha. A fim de fortalecer o governo de unidade, o ANC deu o estratégico ministério do Interior ao chefe zulu Mangosuthu Buthelezi, do Inkhata.

RUANDA

O maior êxodo do século

Diante da passividade da comunidade internacional, Ruanda está protagonizando uma das maiores tragédias humanas deste século. O alerta foi dado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), cujo representante na Tanzânia, Kolude Doherty, afirmou que “o fluxo de refugiados estabeleceu uma marca aterradora nos 43 anos de existência do organismo”.

O funcionário lembrou que, desde 1951, o Acnur trabalhou em 110 países, mas nunca presenciou nada semelhante ao deslocamento humano que ocorre atualmente pela ponte Rumsumo, entre Ruanda e Tanzânia. “São rios e rios de gente”, descreveu Mau-

reen Connelly, funcionária da ONU naquela localidade.

Desde o início de abril, o assassinato dos presidentes de Ruanda e Burundi, Juvenal Habyarimana e Cyprien Ntaryamira – ambos da etnia hutu –, provocou uma onda de violência que resultou na morte de mais de 200 mil pessoas. Os massacres, por sua vez, desencadearam um êxodo em massa.

Até agora, as tentativas de solução da crise caíram por terra. Em fins de abril, uma reunião entre membros do governo e representantes da guerrilha Frente Patriótica Ruandesa (FPR), realizada em Arusha, capital da Tanzânia, terminou sem resultados concretos.



Milhares de refugiados fogem da guerra

A gravidade da situação levou o Conselho de Segurança da ONU a enviar 5.500 efetivos para o país. Uma semana antes, o organismo tinha decidido retirar de Ruanda a maior parte das suas tropas.

ISRAEL/PALESTINA

A recuperação de Gaza

Em 23 de maio, depois de sete meses de árduas negociações, Yasser Arafat, líder da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), e Yitzak Rabin, primeiro-ministro de Israel, assinaram no Cairo o histórico tratado que pôs fim a 27 anos de ocupação israelense na Faixa de Gaza e na cidade de Jericó, na Cisjordânia.

A partir de agora, cerca de 800 mil palestinos – num total de dois milhões que vivem nos territórios ocupados por Israel – poderão administrar aspectos de sua vida cotidiana, embora ainda sob algum controle israelense. Um Conselho de Autonomia, integrado por 24 membros, substituirá a administração de Tel-Aviv à espera de eleições gerais, previstas para outubro. Em cinco anos, entrará em vigor um estatuto definitivo – que deverá ser negociado a partir de 1996 – e só então os palestinos esperam obter sua completa independência.

Os primeiros frutos concretos do acordo foram a libertação de presos políticos por parte de Israel e a substituição

A luta entre forças do norte e do sul do Iêmen torna incerto o futuro desse país, situado na península arábica. Reunificado há quatro anos, o Iêmen passa agora por sua mais grave crise política.

Os atuais choques começaram depois do fracasso do acordo firmado entre o presidente Ali Abdullah Saleh (do norte) e o vice, Ali Salem al-Baidh, que liderou o estado sulista até a fusão, em maio de 1990. O sul, onde vigorava um regime socialista, vem pressionando por uma maior autonomia em relação ao conservador norte, cujos dirigentes islâmicos defendem, entre outras coisas, a imposição da *Sharia* (a lei corânica). Tais pressões foram qualificadas pelo norte como uma tentativa de "secessionismo" e serviram de justificativa para a explosão dos confrontos.

Na verdade, as raízes da atual crise devem ser buscadas na história dos dois países. O Iêmen do Norte foi

IÊMEN Futuro incerto



Forças do sul (foto) tentam se apoderar de uma base do norte

parte do Império Otomano e esteve em poder dos turcos até o fim da I Guerra Mundial, enquanto que o sul foi ocupado pela Grã-Bretanha até 1967.

Mesmo depois da unificação, em 22 de maio de 1990, foram mantidos exércitos, forças policiais, moedas, estações de rádio e televisão e



Soldados palestinos se dirigem para os quartéis israelenses

das forças policiais em Gaza e Jericó por efetivos palestinos. Os primeiros mil prisioneiros, de um total de dez mil, foram libertados no mesmo dia da assinatura do tratado. Israel se nega, por enquanto, a libertar militantes extremistas contrários ao processo de paz, principalmente os fundamentalistas do Jihad Islâmico.

Nas áreas devolvidas, o Exército israelense está sendo substituído por uma força policial palestina, composta por nove mil homens treinados na Argélia, Líbia, Iraque e Iêmen.

meado presidente da Assembleia.

Em junho de 1992, começaram a surgir atritos na aliança e os partidários do PSI foram atacados por indivíduos armados, o que levou Al-Baidh a abandonar a capital, Sanaa.

Em fevereiro último, Saleh, Baidh e outros líderes iemenitas assinaram em Amã um acordo de reconciliação para realizar reformas políticas, militares, econômicas e administrativas, destinadas a superar a crise. Porém, a luta começou poucas horas depois.

Um dos caldos de cultivo da atual crise tem sido o descontentamento popular provocado pela inflação e o alto desemprego, que tem sido capitalizado pelos grupos fundamentalistas pró-Irã. O desemprego chegou a 30% desde que os Estados do Golfo expulsaram 800 mil iemenitas, em represália pelo governo de Sanaa ter apoiado o Iraque na Guerra do Golfo, em 1990.

linhas aéreas separadas.

Como resultado das primeiras eleições multipartidárias, em abril de 1992 assumiu uma coalizão integrada pelo Congresso Geral do Povo (CGP), do norte, o Partido Socialista do Iêmen (PSI), do sul, e o fundamentalista Islah, cujo líder, xeque Abdullah al-Ahmar, foi no-